

DESLIZAMENTO NO MORRO DA BOA VISTA

# Sem casa e sem aluguel: “Eu morava onde essa pedra parou”

**Wesley Passos e outros moradores reclamam que não estão recebendo ajuda da prefeitura**

▄ **DIONY SILVA**  
dclebison@redegazeta.com.br

Onde antes existiam casas, hoje há uma rocha. Uma pedra que parou no meio do caminho e fez com que o sonho de muitas pessoas desmoronasse. Cinco meses depois do deslizamento no Morro da Boa Vista, em Vila Velha, muitos moradores voltaram para suas residências, ainda que sob risco. Eles alegam que não estão recebendo o aluguel social prometido pela prefeitura.

O servente de pedreiro Wesley Passos Ribeiro, 31 anos, está nesse grupo e se aperta para manter um aluguel. “Eu morava aqui onde essa pedra parou. Não estou



**Wesley mostra o local onde ficava sua casa no Morro da Boa Vista, em São Torquato**

recebendo a ajuda da prefeitura”, disse à Rádio CBN Vitória. Sobre a casa está a rocha de três mil toneladas, escoradas por vigas e pilastras para evitar novos deslizamentos.

No primeiro dia deste ano, uma pedra de três mil

toneladas rolou na região de São Torquato, seguida de outras rochas menores. Desde então, os moradores da região conviveram com o medo, incertezas e com a busca por um novo lar. Pelo menos 1,3 pessoas saíram de suas casas na época. É o caso do pedrei-

ro Mayke Campos Pereira, 36 anos, e sua família, que não estão recebendo o aluguel social.

Eles precisaram procurar outro local para viver, mas as contas já começam a atrasar e o medo de perder o teto ganha força a cada dia, como Mayke contou à

DIONY SILVA

## PEDRA

3

**mil toneladas**

É o que pesa a pedra que deslizou no Morro da Boa Vista

Rádio CBN Vitória, mostrando onde morava. “Está tendo atraso, tem pessoas que estão reclamando que estão sem receber há dois, três meses. Tem proprietário que está pedindo a casa e a população não tem dinheiro para pagar. A gente está fazendo dívida sem ter condições”, desabafou.

Da casa onde Mayke morou a vida inteira não sobrou muita coisa. “O que ficou foi a parte de cima, onde ficava o quarto e uma área em que as

crianças brincavam”, declarou.

## VOLTA

Quem não teve a casa totalmente destruída resolveu arriscar e voltar para o morro. Na vida de aposentada Rita Freitas Silva, 76 anos, a cena de sofrimento dos moradores não será esquecida. “Vi bastante gente saindo daí, muitas pessoas machucadas, vi muita mudança saindo daí porque estava perigoso”, contou.

Agora, cinco meses depois, os vizinhos da tragédia voltam a habitar o morro. “A minha comadre voltou, meus amigos voltaram, muita gente voltou aqui para cima. Só vieram porque não estão recebendo, porque se tivessem recebendo tinham ficado para lá”, relatou.



### Finanças apertadas

A família de Mayke é uma das que não estão recebendo a ajuda do aluguel.

“Tem gente reclamando que está sem receber há dois, três meses”

—  
**MAYKE PEREIRA**  
PEDREIRO, 31

## Benefício depende de prestação de contas

▄ Sobre o aluguel social, a prefeitura informou à rádio CBN Vitória que os recursos são liberados aos moradores ao passo que cada beneficiário preste contas dessa despesa à Defesa Civil do município. Atualmente, cerca de 50 famílias recebem o benefício.

Além dos problemas com o aluguel social, a comunidade aguarda o fim das obras de contenção. Ao lado das casas, nas ruelas e escadas improvisadas, a comu-

nidade divide espaço com os trabalhadores que sobem e descem o morro carregando material de construção para segurar a pedra que ficou no meio do caminho. As obras que ficariam prontas em 180 dias, contados a partir de março, ainda não terminaram.

A Prefeitura de Vila Velha informou que a conclusão da intervenção está prevista para o final deste mês.

Ainda existem 13 casas condenadas pela Defesa

Civil municipal no morro. Destas, seis deverão ser demolidas ainda no mês de junho, pois impactam diretamente na execução das obras realizadas.

Quem convive com o barulho e o medo de novos deslizamentos pede pressa no fim da obra. “Voltamos para o morro por falta de amparo. Precisamos de agilidade no fim dessas contenções. Precisamos de segurança”, disse o ajudante de serviços gerais Jorge Teixeira.